

**FACULDADE DOCTUM DE PEDAGOGIA DA SERRA**

**GRACILENE LUIZ PEREIRA**

**MÔNICA SILVA ROMANELI**

**OLDISSÉIA MAGTHA BORLINI**

**DISTÚRPIO FUNCIONAL DA APRENDIZAGEM NA  
ALFABETIZAÇÃO: A DISLEXIA EM FOCO**

**SERRA | ES  
2016**

**GRACILENE LUIZ PEREIRA**  
**MÔNICA SILVA ROMANELI**  
**OLDISSÉIA MAGTHA BORLINI**

**DISTÚRBIO FUNCIONAL DA APRENDIZAGEM NA  
ALFABETIZAÇÃO: A DISLEXIA EM FOCO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido  
à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lilian Pereira  
Menenguci.

**SERRA | ES**  
**2016**

**GRACILENE LUIZ PEREIRA**  
**MÔNICA SILVA ROMANELI**  
**OLDISSÉIA MAGTHA BORLINI**

**DISTÚRBO FUNCIONAL DA APRENDIZAGEM NA  
ALFABETIZAÇÃO: A DISLEXIA EM FOCO**

Artigo Científico apresentado à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado, em 07 de dezembro de 2016, pela banca composta pelas professoras:

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lilian Pereira Menenguci

---

Examinadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karla Veruska de Azevedo

---

Examinadora: Prof<sup>a</sup>.Ms<sup>a</sup> Luciana Galdino

# **DISTÚRBO FUNCIONAL DA APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO: A DISLEXIA EM FOCO<sup>1</sup>**

Pereira, Gracilene Luiz<sup>2</sup>  
Romaneli, Mônica Silva<sup>3</sup>  
Borlini, Oldisséia Magtha<sup>4</sup>

## **RESUMO**

Este artigo, resultante de uma pesquisa de natureza qualitativa, foi realizado em uma escola pública da Região Metropolitana da Grande Vitória(ES). Objetivou compreender os distúrbios da aprendizagem a partir da percepção do profissional da educação, assim como as práticas pedagógicas desenvolvidas para a atuação com alunos que apresentam dislexia. Como instrumento de coleta de dados se utilizou da observação e da aplicação de questionários. Contou com a participação de três sujeitos de investigação: um professor regente, uma pedagoga e uma aluna diagnosticada com dislexia. O estudo, sustentado, por Lima (2002), Frank (2003) e Coelho (2011) apontam para a necessidade de formação, inicial e continuada dos profissionais da educação a respeito do tema. Reitera a importância do planejamento como elemento fundamental para a que as práticas pedagógicas sejam capazes de atender as necessidades de alunos com dislexia.

**Palavras-chave: Distúrbio Funcional; Dislexia; Alfabetização**

## **ABSTRACT**

This article, resulting from a qualitative research, was carried out in a public school in the Metropolitan Region of Greater Vitória (ES). It aimed to understand the learning disorders from the perception of the professional of the education, as well as the pedagogical practices developed for the action with students with dyslexia. As an instrument of data collection it was used the observation and the application of questionnaires. It counted on the participation of three research subjects: a teacher regent, a pedagogue and a student diagnosed with dyslexia. The study, supported by Lima (2002), Frank (2003) and Coelho (2011) point to the need for training, initial and continued education professionals on the subject. It reiterates the importance of planning as a fundamental element so that pedagogical practices are able to meet the needs of students with dyslexia.

## **INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Texto produzido em cumprimento ao Trabalho de Conclusão de Curso, no Curso de Pedagogia da Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra, requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, ano 2016/2, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lilian Pereira Menenguci.

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Doctum da Serra, turma 2016/2. E-mail:gracilene1605@hotmail.com

<sup>3</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Doctum da Serra, turma 2016/2. E-mail: monica\_romanelli@hotmail.com

<sup>4</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Doctum da Serra, turma 2016/2. E-mail: oldisseia@hotmail.com

Este artigo, que nasce do interesse das alunas-pesquisadoras acerca dos processos de ensino da leitura e da escrita, tão importante à educação, objetiva compreender os distúrbios da aprendizagem da leitura e da escrita, enfatizando, principalmente, a dislexia e a percepção do profissional da área da educação sobre ela e a sua atuação pedagógica com estes alunos.

A motivação pela escolha do tema se fortaleceu com a experiência dos estágios supervisionados realizados pelas alunas-pesquisadoras, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, do sistema público municipal de ensino.

Ao longo deste processo, notamos, no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), ainda que de maneira menos evidenciada em relação à Escola de Ensino Fundamental (EMEF), que as crianças, alunos e alunas, que apresentam um “ritmo” de aprendizagem – da leitura e da escrita – diferente de sua turma, muitas vezes, requerem um maior tempo das professoras durante os processos de ensino, o que nem sempre acontece no cotidiano da sala de aula.

Além disso, em muitas ocasiões, tratavam o “ritmo” diverso da aprendizagem do(a) aluno(a) como sinônimo de “preguiça”, “desinteresse” e “desmotivação” com os conteúdos e a aprendizagem escolar, isto quando não inferiam que se tratava de um quadro de deficiência intelectual (DI). Contudo, a hipótese de dislexia, em nenhum momento, fora levantada, naquele contexto, pelas professoras.

Na condição de estagiárias, professoras e/ou pedagogas em processo de formação inicial, jamais fomos informadas que tais crianças, foco de nossas atenções, pudessem ter um diagnóstico de dislexia ou quaisquer outros diagnósticos capazes de “justificar” as dificuldades ou guiar o planejamento pedagógico.

Compreendemos que a função de qualquer diagnóstico, longe de se configurar como elemento de justificativa para o não ensino e/ou a não aprendizagem, se apresenta como elemento capaz de contribuir para a compreensão dos processos de desenvolvimento e, ainda, subsidiar o planejamento pedagógico na reorganização das propostas de trabalho docente, garantindo o direito de aprendizagem ao(à) aluno(a).

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), a dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades, segundo a Associação Internacional de Dislexia (IDA), normalmente resultam de um déficit no

componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e às outras habilidades cognitivas.

É importante que os profissionais da educação não fechem os olhos diante de um(a) aluno(a) com este distúrbio. Ao contrário, precisam estar atentos a eles e elas. Acolher pedagogicamente estes(as) aluno(as) com o intuito de contribuir para que possa lidar com a questão.

Esperamos que este estudo, de natureza qualitativa, contribua com os professores, de forma particular, e com os profissionais da educação, de maneira geral, ampliando a compreensão destes a respeito do tema. Além disso, que também seja refletido nos processos de formação inicial e continuada bem como na atuação docente.

Ressaltamos que, ao longo do nosso processo de formação no Curso de Pedagogia, diferentes estudos e aportes teóricos, especialmente em Alfabetização e Letramento (CORREA & MACLEAN, 2011), reafirmaram que um dos papéis fundamentais do professor é promover a estimulação das competências metalinguísticas (consciência fonológica, consciência sintática, consciência morfológica e consciência metatextual), particularmente, em alunos e alunas com atraso na aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e no sistema de escrita, desde a Educação Infantil até o 1º ciclo do Ensino Fundamental, para desenvolver habilidades necessárias ao adequado aprendizado da leitura e da escrita.

Muito embora seja veiculado e conhecido o princípio do direito de todos à Educação, observamos, a partir da experiência vivenciada nas práticas de estágio supervisionado, que nestas escolas que conhecemos, não atendem às necessidades dos alunos e alunas que apresentam dificuldades no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Isto acontece uma vez que seus objetivos, conteúdos, metodologias, organizações, seu funcionamento e mesmo seu processo de avaliação não vão ao encontro dos “ritmos” de aprendizagem da diversidade dos alunos e alunas. Contudo, a escola, assim como os professores e profissionais da educação, precisa continuar perseguindo a garantia deste direito. E, para isso, ao pensar as questões que envolvem os distúrbios da aprendizagem, especialmente em relação ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita, faz-se necessário (re) considerar as percepções que as professoras que atuam no ensino fundamental têm acerca da dislexia e, junto disso, compreender de que modo as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula colaboram para que o aluno ou a aluna

com dislexia tenham garantido o processo de aprendizagem. Esta é a razão deste estudo: conhecer qual o papel do(a) professor(a) na identificação e na atuação pedagógica com alunos(as) que apresentam dislexia.

Neste aspecto, este artigo se organiza em quatro seções. Na primeira, há uma breve revisão de literatura. Esta é a seção na qual apresentaremos a contribuição de três estudos para a área. Na segunda parte, anunciamos a fundamentação teórica na qual este estudo se sustentou. Na terceira segmentação, destacamos os elementos que constituíram o percurso metodológico. Na quarta, apresentamos os resultados e as discussões advindas deles. Por fim, as considerações finais apontam para uma série de possibilidades, tanto de formação quanto de atuação, capazes de colocar a dislexia em foco, sem, contudo, abandonar o principal: o processo de ensino e aprendizagem do(a) aluno(a) com dislexia.

## **1 REVISITANDO A LITERATURA DA ÁREA**

Para ampliar o conhecimento adquirido acerca do presente tema de investigação, “*Distúrbio funcional da aprendizagem na alfabetização: a dislexia em foco*”, selecionamos três estudos monográficos, realizados em nível de pós-graduação, que se propuseram a discutir a *dislexia no âmbito escolar*.

O primeiro estudo, “*Dislexia: Compreender para melhor Educar*”, de Rosa (2006), foi realizado e apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Educação, da Universidade Cândido Mendes, Projeto *a vez do Mestre*, no Rio de Janeiro. Em sua investigação, Rosa (2006), além de conceituar os problemas de aprendizagem, objetivou compreender como os professores e pais lidavam com as crianças disléxicas. Seu trabalho procurou mostrar o papel do psicopedagogo na questão ensino-aprendizagem com uma criança disléxica, uma vez que o psicopedagogo, no referido estudo, é considerado um elo integrador e parceiro do professor no enfrentamento dessa questão. Rosa (2006) chama a atenção para o fato de que uma criança disléxica não é uma criança doente, mas, sim, uma criança que apresenta uma dificuldade de aprendizagem, especificamente, em relação à escrita e a leitura.

A pesquisa de Rosa (2006) reafirma o papel do professor como o mediador responsável, inclusive, por contribuir com a produção da autoestima do aluno.

Considera que, se uma criança disléxica não aprende do jeito que ensinamos, precisamos procurar ensinar do jeito que ela possa aprender.

Rosa (2006) ressalta que não é papel do professor simplesmente medir o conhecimento dos alunos, comparar suas capacidades ou julgar suas atitudes. Segundo ela, é necessário que se faça uma observação e análise de todo trabalho realizado pela criança dentro da escola. Tais observações precisam ser registradas sistematicamente e levadas à discussão por toda a equipe envolvida. Ao professor caberá investigar e descobrir, juntamente com o psicopedagogo, estratégias pedagógicas para o processo de ensino e aprendizagem deste aluno que apresenta dislexia.

A autora, em seu trabalho, considera importante reafirmar que a dislexia não é causada por fatores ambientais. Contudo, o futuro do aluno disléxico dependerá da forma com a qual o meio, especialmente escolar, vai lidar com esta questão. Assim, é importante investir em uma educação que seja capaz de reconhecer as dificuldades específicas destes alunos, porque elas existem.

O segundo estudo, "*A Dislexia como dificuldade de Aprendizagem*", de Batista (2011), foi realizado e apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, da Universidade Cândido Mendes, Instituto A vez do Mestre, no Rio de Janeiro. O estudo, que focalizou a Dislexia, apresentou uma análise sobre como este distúrbio de aprendizagem é visto pelos profissionais da educação, bem como pela família. Abordou também a forma como o diagnóstico é realizado, apontando para as estratégias possíveis de serem utilizadas ao lidar com o aluno disléxico.

O trabalho de Batista (2011) mostra que a Dislexia é um dos distúrbios que mais acometem crianças em idade escolar. Destaca, entretanto, que com a realização de um diagnóstico precoce e a devida ajuda da família e de profissionais da área, a criança poderá se desenvolver sem enfrentar maiores problemas. As formas de intervenção à criança que apresenta dislexia também foram abordadas no estudo de Batista.

O terceiro estudo, "*Dislexia: Dificuldades de aprendizagem na Escola*", de Barbosa (2014), foi realizado e apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFP), no Paraná.

Em sua monografia, Barbosa (2014) define a dislexia como o distúrbio ou o transtorno da aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, geralmente,

encontradas no começo da alfabetização e que causa grandes prejuízos ao desenvolvimento da criança. Além disso, o estudo chama a atenção para a necessidade de realização do diagnóstico precoce da dislexia em alunos e alunas dos anos iniciais do ensino fundamental.

A autora também buscou compreender melhor o papel da família e as contribuições que ela pode dar ao processo de aprendizado do(a) aluno(a) frente à dislexia, visando, com isso, uma prática educativa que seja capaz de promover as potencialidades do(a) aluno(a) dislético, numa prática inclusiva. Ao ressaltar que a dislexia pode ser de origem genética neurológica, considera a necessidade de investimentos em pesquisas na área com o objetivo de ampliar as informações acerca do assunto e, mais do que isto, potencializar as práticas pedagógicas no trabalho com crianças disléxicas. Nesta perspectiva, defende a necessidade do diagnóstico precoce como elemento capaz de instrumentalizar o professor no planejamento e nas definições de estratégias pedagógicas para trabalhar com estes(as) alunos(as).

Observamos, a partir destes três estudos, Rosa (2006), Batista (2011) e Barbosa (2014), a importância do diagnóstico precoce, que colabora para que as intervenções pedagógicas possam se dar da maneira mais adequada possível. Quanto mais cedo ocorrer a identificação, o diagnóstico, mais possibilidades de construções e intervenções adequadas poderão acontecer. Ambos reafirmam a dislexia como um distúrbio e desconstruem a ideia da dislexia como uma doença. Destacam, ainda, a necessidade de concentrar esforços para que sejam encontrados subsídios, a fim de se trabalhar com este público.

Apesar de não existir “cura” para a dislexia, ela é passível de acompanhamento e intervenções. A criança que apresenta dislexia constrói sua escrita e o seu processo de leitura, embora apresente algumas peculiaridades durante este processo.

Desta forma, é imprescindível que professores e profissionais da educação, categoria na qual já nos incluímos, aprofundem sua participação nos estudos e pesquisas sobre dislexia na escola e na sala de aula. Assim, teremos condições de contribuir pedagogicamente para a formação de nossos alunos e nossas alunas, no que diz respeito à leitura, à interpretação e à escrita, reafirmando a perspectiva inclusiva.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O desenvolvimento da linguagem é uma das fases mais importantes na vida do ser humano. Uma criança com problemas na estruturação dessa área do cérebro possivelmente terá sérios problemas na aprendizagem, no processo de socialização e no seu desenvolvimento emocional e psicológico. Autores como Schirmer, Fontoura e Nunes (2004, p.95) acreditam que as dificuldades de aprendizagem estejam intimamente relacionadas à história prévia de atraso na aquisição da linguagem. Essas dificuldades são definidas pelas autoras como “alterações no processo de desenvolvimento da expressão e recepção verbal e/ou escrita”.

De acordo com Lima (2011),

O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais - DSM-IVTR (12) indica que os “Transtornos de Aprendizagem” são diagnosticados quando o desempenho do indivíduo em instrumentos padronizados e individualmente administrados de leitura, expressão escrita ou matemática estão significativamente abaixo do esperado, considerando sua idade, nível de escolarização e inteligência. (LIMA, 2011, p. 57).

A dislexia é um dos transtornos de aprendizagem observado em crianças na fase do desenvolvimento escolar. Quando diagnosticado precocemente, a criança tem ainda mais e melhor chance de tratamento. Assim, um diagnóstico correto é de fundamental importância para orientar tanto a família quanto os professores que lidam com a criança disléxica.

### 2.1 DISLEXIA: UM BREVE CONCEITO

A etimologia da palavra dislexia vem do grego, ‘*diz*’ (distúrbio) e ‘*lexia*’, (linguagem). Os primeiros profissionais que se interessaram pelo distúrbio da dislexia foram os oftalmologistas. No entanto, eles concluíram que “não são os olhos que leem, mas sim o cérebro” (COELHO, 2011, apud Barbosa 2013, p.12).

No século XIX, houve preocupações por parte de diversos autores sobre o fracasso escolar de crianças que não conseguiam reconhecer palavras na leitura e na escrita. No entanto, estas crianças não possuíam uma deficiência mental (conceito da época) capaz de explicar a dificuldade para interpretar uma leitura ou passar para um papel seu entendimento sobre algo. Com o passar dos anos, se expandiram diversas correntes de pensamento sobre o assunto chegando, inclusive, ao termo *dislexia*.

Um dos primeiros pesquisadores a estudar a dislexia foi Samuel T. Orton (apud Lak, 2004), neurologista que trabalhou inicialmente com vítimas de traumatismos. Orton, em 1925, conheceu o caso de um menino que não conseguia ler e que apresentava sintomas parecidos aos das vítimas de traumatismo. O estudioso pesquisou essa dificuldade e concluiu que havia uma síndrome que não era relacionada aos traumatismos neurológicos, que provocava também problema na aprendizagem e na leitura.

De acordo com Luca (2009),

A dislexia é comumente definida como “uma falha na aquisição da habilidade de leitura, admitindo-se a existência de oportunidades de educação, inteligência média e ausência de anormalidades sensoriais, neurológicas ou psiquiátricas” (LUCA, 2009, p.13).

Alguns teóricos, como Vasconcelos (2011), acrescentam que as pessoas tendem a denominar o portador desta afasia<sup>5</sup> como o de “menor capacidade intelectual” o que não é correto, uma vez que se trata de uma dificuldade de aprendizagem e que é tratável.

Irlen (apud Vasconcelos, 2011, p.21) afirma, sobre isso, que a dislexia não deve ser vista como uma doença, nem como uma deficiência intelectual, tampouco como uma indicação de incapacidade de aprendizado. A dislexia é um distúrbio que dispõe de tratamento. Suas causas ainda são incertas para os pesquisadores da área, alguns a atribuem às razões genéticas.

Por outro lado, é importante ressaltar que os sintomas desse distúrbio são bastante visíveis no ambiente escolar e – por se tratar de uma dificuldade de aprendizagem – é na escola que ela se manifesta com maior intensidade. De acordo com Lyon, Shaywitz e Shaywitz (2003 apud LIMA, 2011),

[...] um distúrbio específico de aprendizagem que possui origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades com a precisão e/ou reconhecimento fluente de palavras e por habilidades pobres de fala e decodificação. Essas dificuldades resultam tipicamente de um déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas e efetiva instrução em sala de aula. Consequências secundárias podem incluir problemas na compreensão de leitura e a reduzida experiência em leitura que pode impedir o aumento no vocabulário e conhecimento. (LYON SHAYWITZ e SHAYWITZ, 2003 apud LIMA, 2011, p.65).

Dificuldade para nomear ou elaborar sequências lógicas, utilização de sentenças curtas, auxílio dos dedos ou régua para acompanhar a leitura, inversões

---

<sup>5</sup> Perda da linguagem causada por lesão no sistema nervoso central que, na maior parte das vezes, ocorre do lado esquerdo do cérebro.

de letras e sílabas nas palavras, omissão de palavras – mesmo em sentenças curtas – disgrafia<sup>6</sup> e confusão com lateralidade são alguns dos sinais gerais de que o(a) estudante pode ter um diagnóstico de dislexia. Ainda assim, é possível lidar com esses alunos e alunas na escola, se houver um acompanhamento conjunto: família e profissionais da área.

## 2.2 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELA CRIANÇA COM DISLEXIA

Domienne (2011) sugere algumas possíveis abordagens junto a(o) aprendiz disléxico(a), partindo do pressuposto de que ele(a) deve se sentir parte do processo e não alheio a ele. Nesse aspecto, sugere algumas possibilidades para o trabalho pedagógico, como: trabalhar com classes de palavras, criar pequenas frases, propor oportunidades de produção de pequenas histórias, fazer uso de palavras de mesma configuração, promover a identificação de sons verbais e não verbais, fazer associação de sons, estabelecer as relações entre letra e som e discriminar formas e figuras.

Pequenas ações podem fazer toda a diferença ao lidar com um(a) aluno(a) que apresenta dislexia. Além disso, a proposição de um ambiente no qual ele ou ela deve se sentir à vontade para progredir e, igualmente perseverante para superar suas limitações, como a sala de aula, por exemplo, se constitui fator importante para o processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Portanto, ao contrário do que muitos pensam, a dislexia não é consequência de uma má alfabetização, desmotivação ou baixa inteligência. Tampouco, uma doença. Entretanto, passível de acompanhamento e tratamento. Para isso, é necessário contar com uma equipe multidisciplinar formada por professores, pedagogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos. É fundamental para os(as) disléxicos(as) não apenas conviver, como também superar essa dificuldade (JANJACOMO, 2013, *apud* PIRES; PIZA).

Também vale ressaltar que a dislexia pode afetar pessoas de qualquer contexto social, independentemente da condição econômica, racial ou cultural.

---

<sup>6</sup> A disgrafia é uma dificuldade em coordenar os músculos da mão e do braço, que ocorre em crianças. Essa dificuldade, impede de controlar e dirigir o lápis ou a caneta para escrever de forma legível e ordenada. A detecção, o diagnóstico e o tratamento da disgrafia requerem uma intervenção especializada, com o apoio de instrumentos de avaliação que permitam estabelecer um quadro clínico claro e preciso, além de apontar as estratégias de intervenção.

Contudo, segundo Janjacomio (2013), numa família mais favorecida, social e economicamente, as chances de realizar um diagnóstico e acompanhamento precoce são maiores em comparação a uma família menos favorecida.

Conforme o estudo de Frank (2003 *apud* TITONI, 2010), a criança com dislexia começa a apresentar suas primeiras dificuldades na escola e são os professores os primeiros a perceber esta manifestação muitas vezes antes, até, dos próprios pais. Frank (2003) considera importante notar que, apesar das pessoas com dislexia apresentarem dificuldade na linguagem, o comportamento disléxico varia de uma criança para outra. Uma criança com dislexia pode ter dificuldades com a leitura, mas também pode não ter nenhum problema em memorizar números.

Ainda em relação à contribuição de Frank (2003), é possível compreender que o processo de desenvolvimento de crianças que apresentam dislexia é marcado por um ritmo mais lento e apresenta, em detrimento do quadro de dislexia, maiores dificuldades de adaptação ao ambiente escolar, em relação às crianças que não a possuem.

Geralmente a dislexia se apresenta de três formas: a visual, auditiva e a mista. Na dislexia visual, o transtorno tem origem no percurso do estímulo visual até o córtex visual, portanto, junta-se com a forma como o cérebro processa e interpreta este estímulo. No caso da dislexia auditiva, o cérebro tem dificuldade em processar e interpretar a informação que é ouvida, ou seja, neste caso, o problema tem origem no percurso do estímulo auditivo até ao córtex auditivo. Quanto à dislexia considerada mista, alguns dos problemas podem ser do tipo visual, ao passo que outros podem inscrever-se no tipo auditivo.

Desta forma, ao contrário do que muitos pensam, os problemas que envolvem a dislexia não são com a visão nem tão pouco com a audição. O(a) disléxico(a) enxerga e ouve muito bem. O problema se dá pelo fato de o cérebro não processar e interpretar as informações visuais e auditivas corretamente.

Cada criança com dislexia precisa de ajuda em áreas diversificadas para alcançar suas metas. Se esta ajuda for negada, a criança poderá ficar perdida, sem saber como proceder, o que dificultará ainda mais a construção da aprendizagem destas crianças.

O estudo de Frank (2003) revela, ainda, que crianças com dislexia apresentam algumas características, tais como: baixa autoestima, dificuldades para soletrar, dificuldades para ler em voz alta, confusão entre direita e esquerda,

problemas para seguir direções, demora em terminar exercícios de escrita, dificuldades com matemática e relutância em ir à escola.

Segundo Lima (2002 *apud* BATISTA, 2011), todo processo de aprendizagem está articulado à história de cada indivíduo. Nesta direção, afirma que o ser humano aprende mais facilmente quando o novo pode ser relacionado com algum aspecto da sua experiência prévia, com o conhecimento anterior; com alguma questão na qual o indivíduo se colocou; com imagens, palavras e fatos, que estão em sua memória, e com suas vivências culturais. Para a autora, é função da escola ampliar a experiência humana, criando situações de ensino capazes de colaborar para isto.

A criança com dislexia, conforme a autora, precisa olhar e ouvir atentamente; observar os movimentos da mão, quando escreve; e, prestar atenção aos movimentos da boca, quando fala. Desta maneira, ela associará a forma escrita de uma letra tanto ao seu som, quanto aos movimentos, pois falar, ouvir, ler e escrever são atividades da linguagem.

Nota-se que a experiência da escrita também se manifesta em verbalizações como “não gosto de escrever”, “não quero aprender a escrever” ou “não sou bom para escrever”. Ela só se modificará quando a criança se vir efetivamente “realizando” o ato de escrever.

Segundo Coll (1995 *apud* BATISTA, 2011), a criança com dislexia é, geralmente, triste e deprimida, pelo repetido fracasso em seus esforços para superar suas dificuldades. Outras vezes, mostra-se agressiva e angustiada. Estes intensos sentimentos de inferioridade provocam frustrações. Em muitas ocasiões, a reprovação e a evasão escolar, por parte das crianças disléxicas, são ocorrências comuns ao longo de sua vida escolar. Existem também consequências mais profundas, no nível emocional, como: diminuição do auto-conceito e reações rebeldes.

Coll (1995 *apud* BATISTA, 2011), ao considerar a variedade de níveis na área da comunicação linguística, especialmente na sala de aula, chama a atenção para a necessidade de que os professores estejam atentos para essa realidade e, conseqüentemente, para as particularidades de seu grupo de alunos.

Uma vez que os professores suspeitem de características de dislexia no processo de aprendizagem da criança, se faz necessário sugerir à família a busca de um diagnóstico. Diante da confirmação da suspeita, a partir do diagnóstico, é

preciso que as intervenções, tanto por parte da família quanto por parte da equipe multidisciplinar, contribuam para que o aluno seja atendido em suas necessidades.

Acredita-se que a escola e o professor precisam proporcionar à comunidade escolar atividades de conscientização sobre dislexia. Aulas, debates e vídeos são algumas das estratégias úteis que podem ajudar no conhecimento a respeito do assunto.

A escola precisa assegurar a comunicação permanente entre os professores e a equipe multidisciplinar, que atende o(a) aluno(a), para definir as melhores medidas de suporte escolar que possam se aplicar ao caso. Isto permitirá estimular, em sala de aula, aspectos trabalhados na clínica, tornando o processo interventivo integrado e muito mais eficaz. O professor, por sua vez, pode desenvolver uma série de estratégias para lidar com o(a) aluno(a) em sala de aula, como, por exemplo, colocar o(a) aluno(a) para sentar-se próximo à sua mesa e ao quadro, já que, frequentemente, acaba se distraindo com facilidade. Esta medida tende também a favorecer o diálogo tanto quanto o acompanhamento ao(à) aluno(a), durante a realização das atividades e, por fim, fortalecer o vínculo afetivo entre eles.

Nesta direção, o presente artigo buscou conhecer a percepção e a prática pedagógica do profissional da educação no que diz respeito à dislexia. Para isto, passamos a apresentar nosso percurso metodológico, na próxima seção.

### **3 METODOLOGIA**

Para compreender a percepção que os profissionais da educação têm acerca da dislexia, enveredamos no campo da pesquisa qualitativa. Esta foi realizada em uma escola pública, da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES). Para a coleta de dados, além da observação, lançamos mão da aplicação de questionários compostos de perguntas abertas.

Dois profissionais da educação, um professor regente e uma pedagoga, participaram deste estudo. O professor regente é graduado em Pedagogia, formado há cinco anos e atua, há menos de cinco anos, no ensino fundamental. Neste ano, atua com o 3º ano do ensino fundamental. A pedagoga atua há seis meses na escola lócus da pesquisa.

O estudo, que procurou observar e analisar como a criança com dislexia é inserida pedagogicamente no contexto escolar, buscou compreender a percepção destes profissionais a respeito dela.

Para que fosse definido o campo de pesquisa, era necessário encontrar um(a) aluno(a) com diagnóstico de dislexia. O que, certamente, não foi tarefa simples. No primeiro momento, as alunas-pesquisadoras contaram com a participação da professora orientadora do pré-projeto de pesquisa. Esta verificou, junto a uma das Secretarias Municipais de Educação da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES), indicativos de escolas que contavam com alunos(as) matriculados(as) que tivessem diagnóstico de dislexia. Assim, tivemos a indicação de duas escolas públicas municipais, localizadas nesta região.

Na primeira escola visitada, fomos recebidas e atendidas pela diretora escolar. Ela revelou que não tinha certeza da existência de(a) aluno(a) com diagnóstico de dislexia. Assim sendo, para dar o aceite de nossa pesquisa, precisaria confirmar com a pedagoga a existência, ou não, de estudante com diagnóstico de dislexia. Solicitou que déssemos um tempo para que ela pudesse ter acesso a esta informação e que, depois disto, entraria em contato telefônico conosco, comunicando-nos a respeito do nosso interesse. Contudo, o telefonema não aconteceu. Decidimos, então, retornar à escola para um novo contato. E, desta vez, ela afirmou que não havia, em sua escola, nenhuma criança matriculada que apresentasse diagnóstico de dislexia.

Na segunda escola visitada, também fomos recebidas e atendidas pela diretora escolar. Esta, prontamente, afirmou que em sua escola havia, sim, uma criança com diagnóstico de dislexia. Destacou, na ocasião, que a criança, além do quadro de dislexia, apresentava “muitos problemas”, inclusive, segundo ela, de ordem familiar. Revelou, durante a conversa, que os pais da criança eram “problemáticos” e que, neste sentido, não se sentia à vontade em autorizar algum trabalho e/ou estudo envolvendo esta criança. Afirmou que se tivesse outra criança que interessasse ao estudo, poderia, sem qualquer problema, autorizar e liberar o nosso processo de pesquisa em sua escola. Diante disto, nos restava buscar uma terceira escola.

A terceira escola visitada surgiu da iniciativa de uma das alunas-pesquisadoras que decidiu visitar a escola do bairro onde morou, na tentativa de localizar alguma criança com diagnóstico de dislexia matriculada no ensino

fundamental. Imediatamente, a resposta, mais uma vez, não foi positiva. Sendo assim, o grupo de alunas-pesquisadoras quase desistiu de prosseguir com o tema e objeto da pesquisa. Contudo, a professora orientadora do estudo estimulou-nos para que prosseguíssemos. Reiterou que, se não desse certo na quarta tentativa, iríamos reconduzir o trabalho. Então, tentamos uma quarta escola. Nesta, uma escola pública municipal, também fomos recebidas e atendidas pela diretora escolar que, imediatamente, se mostrou favorável ao estudo e confirmou a existência de uma criança com diagnóstico de dislexia matriculada na unidade de ensino. Afirmou, na ocasião do primeiro contato, que poderíamos, sem qualquer problema, realizar a nossa pesquisa em sua escola. Ao final da conversa, nos encaminhou para a pedagoga para que combinássemos todo o processo de observação da aluna, especialmente em sala de aula. Definimos os primeiros passos do trabalho e, assim, chegamos até a criança “A”.

A aluna “A” é negra. Tem 9 anos de idade. Frequenta o 3º ano do ensino fundamental. “A” tem diagnóstico de dislexia assinado pelo neurologista. Apresenta problemas oftalmológicos e, por isso, usa óculos. Para ler, aproxima o texto bem perto dos olhos.

O processo de observação da aluna “A”, em sala de aula, foi totalizado com doze horas de trabalho, distribuído em quatro dias. Além da observação, foram aplicados dois questionários com perguntas abertas, sendo um para o professor regente e outro para a pedagoga. As observações foram registradas no diário de campo<sup>7</sup>.

Os questionários, compostos de perguntas abertas, foram distribuídos aos dois profissionais da educação. Estes devolveram os questionários respondidos para as alunas-pesquisadoras. Estes dados serão apresentados e discutidos na próxima seção deste texto.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

---

<sup>7</sup> Caderno, caderneta ou qualquer outro suporte textual capaz de conter os registros escritos, coletados e/ou produzidos, diariamente, durante o processo de pesquisa no campo de investigação.

#### 4.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES

Ao realizarmos a pesquisa de campo, percebemos que a aluna “A”, com diagnóstico de dislexia, tem certa autonomia. Nos momentos em que demonstrava ter dúvidas a respeito de algo relacionado à aula, se manifestava junto ao professor. Percebemos sua permanente manifestação de interesse em aprender, assim como seu esforço para superar as dificuldades.

Num dos momentos de observação, em sala de aula, foi possível sentar ao lado da criança. Interagimos com ela intencionadas a observar de que maneira era realizava a leitura.

A aluna “A” leu o texto, porém em voz baixa. Uma leitura lenta, vacilante, silábica. Enquanto lia, acompanhava a frase com o dedo. Aproximava o texto bem próximo do rosto. Contudo, uma leitura relativamente boa, errando apenas algumas palavras consideradas mais complexas. Algumas letras, ela não pronunciava. Notei que em sua leitura ela não obedece às pontuações. Lê bem algumas palavras; outras, não. [Diário de Campo, dia 1].

Podemos inferir que a leitura vacilante de “A” pode, sim, ser uma das características da dislexia, manifestada naquela ocasião. Como a aluna demonstrou insegurança na realização da atividade, decidimos não insistir com ela na continuidade da mesma. Notado isto, perguntamos ao professor como era o processo de aprendizagem de “A”, especialmente em matemática. Ele informou que a criança apresenta muita dificuldade. Que não consegue ter um raciocínio preciso para interpretar e efetuar as operações. Contudo, não tivemos a oportunidade de observá-la numa aula de matemática.

Notamos, durante a aula, que o professor escreve com letras bastão no quadro. Enquanto isso, “A” copia, muito devagar, com letra cursiva, em seu caderno. Num período de aproximadamente uma hora e meia, “A” copiou apenas um parágrafo do que estava no quadro, no caderno.

Avaliando o caderno de “A”, percebemos que ela não começa a frase no início da linha assim como também não termina no final dela. Enquanto copia, pula algumas letras. Apesar de já estar no 3º ano do ensino fundamental, ainda apresenta um traço gráfico muito semelhante à maioria das crianças que estão no início do 1º ano, muito embora consideremos o traço legível.

Durante a aula, observamos que o professor trabalha com atividades impressas. Notamos, nesta ocasião, que a atividade impressa que o professor

ofereceu para a turma foi a mesma oferecida à aluna “A”. Ela conseguiu realizar a atividade com a ajuda da estagiária.

Observamos que, quando a tarefa, na área de Língua Portuguesa, exigia separação de sílabas, “A” demonstrava muita dificuldade em concluir a atividade. Contudo, não conseguimos compreender se a estagiária acompanhava cotidianamente a aluna ou se estava, naquele dia, na sala de aula, por outros motivos, como, por exemplo, em função de nossa presença.

Segundo relatos do professor regente, a criança “escreve fazendo cópia”. Mas, em nenhum dos momentos nos quais estivemos em sala de aula, percebemos, por parte do professor regente, qualquer atenção individualizada à aluna “A”. Ele só reagia à aluna quando ela o procurava, indo até à sua mesa. Além disso, é preciso que consideremos a diferença substancial entre escrever e copiar – apresentada na verbalização do professor, podemos inferir como “sinônimos”.

Percebemos, durante as explicações de conteúdo pelo professor, que “A” não prestava atenção nele. Parecia bem dispersa, desatenta. Segundo o professor regente, “é sempre assim”. Ela, de acordo com o docente, “não para pra prestar a atenção às explicações”. Mas, observamos que a explicação do professor naquele momento, na sala de aula, foi feita de forma geral para toda a turma, sem um diferencial que fosse capaz de chamar a atenção de “A”.

A partir das doze horas de observação, em sala de aula, entendemos que o professor, apesar de formado há cinco anos, ainda demonstra certo despreparo para enfrentar os desafios da sala de aula, de modo geral, e para lidar com alunos que, feito a aluna “A”, apresentam algumas características específicas de aprendizagem, como, no caso, a dislexia.

Verificamos que, do ponto de vista da prática pedagógica, não há a presença de quaisquer estratégias capazes de contribuir com o processo de aprendizagem da leitura e da escrita da aluna diagnosticada como disléxica, tanto por parte do professor quanto por parte do projeto da escola.

A literatura da área aponta o quanto se faz necessário um conjunto de práticas que possam colaborar com o processo de ensino e aprendizagem, isto, especialmente, por meio das intervenções pedagógicas promovidas pelo professor de sala de aula em conjunto com o(a) profissional da Pedagogia. Contudo, nas nossas observações, isto não foi notado, durante o exercício da atividade docente tanto quanto da orientação pedagógica.

Neste momento histórico, especialmente mais que em todos os outros tempos históricos, faz-se necessário considerar que o profissional da educação encontrará uma classe heterogênea, diversa, formada por alunos de diferentes culturas, classes sociais e até aqueles que demandarão uma atenção mais individualizada ao longo do seu processo de escolarização. Nesta perspectiva, é preciso que sejam potencializados os conhecimentos do docente, vislumbrando o aprimoramento da prática pedagógica numa ótica inclusiva. Desta forma, é imprescindível que a equipe pedagógica dedique-se às leituras, grupos de estudos, formação continuada e em pesquisas de diversas naturezas.

#### 4.2 ANÁLISES DO QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO

Nesta seção, apresentaremos e discutiremos os dados coletados por meio dos questionários, com perguntas abertas, que foram respondidos pelos profissionais da educação – sujeitos deste estudo. Contamos com a participação de um professor regente, que, aqui, identificaremos como “PR” e de uma pedagoga, identificada como “P”.

A partir dos questionários, organizamos as seguintes categorias de análises: conceito de distúrbio de aprendizagem e de dislexia; características de alunos com dislexia, na percepção dos profissionais; possibilidades de intervenção pedagógica com alunos que apresentam dislexia; recursos didáticos utilizados com alunos que apresentam dislexia e desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem com alunos que apresentam dificuldades relacionadas à leitura e a escrita.

Quanto à formação, com foco nas questões que tratam das dificuldades de aprendizagem, notamos que tanto o professor regente quanto a pedagoga não tiveram, até então, a oportunidade de participar de processos formativos especialmente relacionados à temática. Relata “P”: “nunca participei de um estudo específico”. Isto, sem dúvida, contraria não só o perfil do profissional pedagogo, considerado pela literatura como “cientista da educação”, (Mazzotti, 1998), como compromete o processo de construção de conhecimento sobre o tema e a sua realização na prática pedagógica.

Como é possível perceber, ambos profissionais da educação não possuem qualificação profissional especializada com relação aos distúrbios de aprendizagem.

Porém, isto não diminuiu a sua importância no processo de ensino-aprendizagem da criança. Acreditamos que nós, professores, profissionais da educação, independentemente do desafio, temos que ter um olhar mais criterioso e uma postura diferenciada no trato com os processos de ensino e de aprendizagem.

Uma questão que também consideramos importante diz respeito à conceituação. Sabe-se que, por vezes, agimos, atuamos em função dos conceitos que temos acerca das coisas. Neste sentido, objetivamos conhecer de que modo tanto o professor regente quanto a pedagoga conceituavam distúrbio de aprendizagem e mesmo dislexia.

Para “PR” este é um “assunto que, ainda, gera discussões e grandes dificuldades na sua conceituação. Deve haver, por parte da educação, um olhar especial para garantir a esses alunos um aprendizado melhor”, destacou. Por outro lado, “P” considera que, conceitualmente, trata-se de “uma dificuldade na aprendizagem”. E, segue comentando: “é necessária uma avaliação de um profissional adequado ou um trabalho conjunto entre escola e família, pois, às vezes, é só uma inadaptação que pode ser resolvida por ambas as partes”.

Vimos, por meio das respostas dos profissionais, que ambos desconhecem o significado de Distúrbio de Aprendizagem. De acordo com a Classificação Internacional de Doenças e problemas Relacionados à Saúde (CID-10), os Distúrbios de Aprendizagem são classificados como Transtornos Específicos do Desenvolvimento das Habilidades Escolares e dentro desta classificação se encontra a dislexia.

Neste caminho, “PR” apresenta sua hipótese acerca do conceito de dislexia ao inferir que “se trata de dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita, assim como no cálculo”. Para “P”, “é um distúrbio neurológico que acarreta uma perturbação na aprendizagem, dificultando o domínio da leitura e da escrita”.

Percebemos que os dois profissionais conceituaram a dislexia conforme anuncia a sua definição oficial, já destacada neste texto, porém, sem nenhuma consideração, além da superficial e, menos ainda, associada à prática pedagógica.

Luca (2009) definiu dislexia como uma falha na aquisição da habilidade de leitura, admitindo inteligência média e ausência de anormalidades sensoriais e psiquiátricas. Isto, consideramos que é importante ser reafirmado.

As características prováveis de um(a) aluno(a) que apresenta distúrbio de aprendizagem, por dislexia, foram destacadas pelos profissionais. “Segundo “PR”,

são elas: - “desatenção, dispersão em copiar de livros e do quadro”. Já para “P”, podem ser percebidas: “muita dispersão durante as aulas. Dificuldade na aprendizagem. Desânimo.”

Percebemos que as respostas dos nossos colaboradores vão ao encontro da proposta de Frank (2003 apud TITONI, 2010), ao afirmar que algumas características da dislexia são: baixa autoestima, dificuldades para soletrar, demora em terminar exercícios de escrita, entre outros. Porém, em nenhum momento os sujeitos de nosso estudo demonstram pensar de que modo as práticas pedagógicas deveriam colaborar para transformar estes comportamentos. E isto, de fato, é fundamental. Nesta perspectiva, procuramos provocar, nos profissionais, a partir das perguntas do questionário, uma reflexão nesta direção.

Na opinião de “PR”, o professor pode fazer muitas coisas para ajudar o(a) aluno(a) com características de dislexia. “O primeiro passo é entender que a dislexia não é uma doença”. O segundo passo é procurar meios possíveis junto com a equipe pedagógica, para ajudar a criança disléxica. A pedagoga apontou a mesma direção: “Dar atenção especial a esta criança e trabalhar com atividades diferenciadas”. Além disso, completou: “conscientizar a família sobre a necessidade de um acompanhamento de um especialista”.

Com base nas respostas dos dois profissionais, professor regente e pedagoga, percebe-se que ambos compreendem a importância do aprendizado de crianças disléxicas. Torna-se necessária uma reflexão sobre os desafios do professor em uma sala de aula, com trinta ou mais alunos, para atender a estas crianças de forma diferenciada como realmente requer uma prática pedagógica que se pretende inclusiva. Entretanto, confrontando o que observamos durante as doze horas de trabalho e as respostas aos questionários, compreendemos que os profissionais, sujeitos deste estudo, até sabem os caminhos que precisam ser percorridos, contudo, não percorreram ainda.

De acordo com Van Hout e Estienne (2001), em seu livro “*Dislexias: descrição, avaliação, explicação e tratamento*”, os professores também têm um papel importante juntamente com a equipe pedagógica e deverão encontrar outras formas de ajudar esta criança. Se ela, a criança disléxica, não aprende do jeito que o professor ensina, o professor precisa, de algum modo, procurar ensinar de um jeito que ela aprenda.

Quando questionados sobre o que o professor regente faz quando descobre que tem, na sua turma, um(a) aluno(a) com dificuldades relacionadas à leitura e a escrita, “PR” responde: “procuro ajuda dos profissionais que atuam nesse campo. Gosto do que faço! Isto me ajuda muito enquanto professor”. Apesar desta afirmativa do professor, não foi isto o que se viu ao longo do processo de observação. De acordo com “P”, “entender a criança e suas dificuldades é fundamental. Diagnosticar suas dificuldades e trabalhar com atividades diferenciadas (jogos e brincadeiras) que estimulem o aprendizado da criança, é muito importante”. Ainda que a pedagoga tenha essa concepção, durante as observações, na sala de aula, não percebemos atividades diferenciadas, no trato pedagógico, direcionadas à aluna “A”.

Quanto aos recursos didáticos utilizados para trabalhar com alunos(as) disléxicos(as), tanto “PR” quanto “P” afirmaram que se utilizam de jogos, brincadeiras e músicas, além de atividades que envolvam a memorização. Isto, associado às atividades atrativas que envolvam leituras de músicas, contação de histórias e reprodução das mesmas. Contudo, durante nossos dias de observação em sala de aula, não tivemos a oportunidade de vivenciar a execução destas atividades e nem mesmo a utilização desses recursos. Porém, levamos em conta que o período de observação, totalizado em 12 horas, foi curto, pequeno – embora tenha sido o possível para a realização deste estudo de iniciação científica.

Do ponto de vista metodológico, tentando conhecer as propostas metodológicas da escola para lidar com a aluna “A”, “PR” apontou: “sempre que necessário, dou uma cópia das atividades do dia para facilitar o processo da leitura e escrita da criança e procuro orientar a estudar essa atividade em casa”. Por outro lado, “P” informou: “sempre que possível, ampliamos as possibilidades metodológicas, através de atividades diferenciadas. Atividades que estimulem o prazer dessa criança para exercitá-las”. Nesse caminho, parece que “PR” e “P” se contradizem. Por um lado, se oferece cópia de atividades; por outro, a promessa de atividades diferenciadas.

Sabemos a importância da metodologia utilizada pelo profissional da educação enquanto professor, na sala de aula, com relação às crianças com dislexia – ou mesmo qualquer outra questão – pois acreditamos que ela, a metodologia, fará toda diferença no processo de aprendizagem das mesmas, principalmente se esta metodologia, em algumas situações, privilegiar os atendimentos mais individualizados, conforme nos afirma Estienne (2001).

Vale ressaltar que a realidade do cotidiano de uma sala de aula exige, tanto do(a) professor(a) quanto do(a) pedagogo(a), lidar com uma série de desafios. Para “PR” “o maior desafio é entender que somos diferentes. Pensando assim, preciso de uma metodologia que abranja os dois grupos, ou seja, os que apresentam os sintomas de dislexia e os que não apresentam”. “P” afirma: “conscientização da família de que seu filho precisa de maior atenção para desenvolver um trabalho em parceria com a mesma. Tempo para atender individualmente a essa criança”, são os maiores desafios.

Com base nas respostas dos nossos colaboradores, o que mais nos chamou a atenção foi a questão que trata da necessidade de conscientização da família quanto ao trabalho de parceria com a escola, isto, particularmente, em relação à criança com dislexia.

Acreditamos que o papel da família, quanto a isto, é fundamental. Anne Vann Hout (2001) trata disso em sua obra. Porém, não se deve minimizar a função da escola, neste contexto. Ao contrário: cabe à escola e aos professores e professoras, sob orientação do(a) profissional da Pedagogia, propor práticas pedagógicas capazes de atender às necessidades deste alunado.

No decorrer de toda a pesquisa, compreendemos, tanto a partir das observações quanto das análises das respostas dadas às questões dos questionários, que a necessidade de formação continuada e aprofundamento de conhecimentos acerca do tema são necessidades.

Contudo, chamou-nos a atenção o fato de, em nenhum momento, estes sujeitos, “PR” e “P” terem se utilizado do planejamento, ferramenta de trabalho docente, para instrumentalizar as suas práticas e pensar as estratégias para lidar com o processo de ensino, de modo que fosse garantida a aprendizagem de “A”.

Além disto, percebemos as contradições estabelecidas entre o que observamos, na sala de aula, e o que lemos, nos questionários. Isto nos remete à diferenciação que se faz entre prática e teoria. Enquanto isto, “A”, de 9 anos, continua na classe enfrentando sozinha, sem aportes, os seus desafios escolares.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A alfabetização é uma fase de grande importância no desenvolvimento da criança. A equipe pedagógica envolvida neste processo torna-se aliada fundamental

para contribuir no avanço escolar. Neste sentido, observou-se que os profissionais envolvidos com a criança, sujeito deste estudo, necessitam ampliar seus conhecimentos técnico-pedagógicos para lidar com o processo de escolarização de alunos (as) que apresentam diagnósticos de dislexia.

Ressaltamos a importância de que os profissionais de educação invistam, cada vez mais, para conhecer o assunto. Isto pode ser feito por meio de leituras e pesquisas, individuais e coletivas, elementos que constituem a formação, tanto inicial quanto continuada dos profissionais da educação, como suporte importante para enfrentar os desafios do cotidiano escolar.

A partir da revisão bibliográfica, percebeu-se que a dislexia não tem cura, porém, a criança com tal distúrbio tem condições de superá-la com tratamento adequado e especializado, o que a levará a ter uma vida escolar normal. Nesta perspectiva, refletimos a respeito da importância da participação do professor na vida escolar desta criança, especialmente no que diz respeito à alfabetização.

Assim, dentro da proposta deste estudo, consideramos importante a necessidade do planejamento de estratégias e de práticas pedagógicas que sejam capazes de contribuir com o processo de ensino, por parte do professor, e de aprendizagem, por parte do(a) aluno(a) com dislexia. Nesta perspectiva, é preciso seguir realizando estudos dessa natureza.

## REFERÊNCIAS

ABD – **Associação Brasileira de Dislexia**. Acessado no dia 15 de março de 2016.

BARBOSA, C. F. F.. “**Dislexia: Dificuldades de Aprendizagem na Escola**”. Monografia de Especialização Latu Sensu, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Rio de Janeiro 2014.

BATISTA, S.S.A. A Dislexia como Dificuldade de Aprendizagem. Monografia de Conclusão de Curso, Latu Senso, Rio de Janeiro, 2011.

CORREA, J.; MACLEAN, M. **O desenvolvimento da consciência fonológica e o aprendizado da leitura e da escrita durante a alfabetização**. In: LAMPRETCH, R. (org). Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p.129-144.

DOMIENSE, M. C. S. **Dislexia: um jeito de ser e de aprender de maneira diferente**. 2011. p.70. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

GOMES, Ivone Alvino de Barros **Dificuldades de Aprendizagem nas Séries Iniciais**. Brasília: Escola Superior Aberta Do Brasil Discauculia, 2010. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/54008200/Escola-Superior-Aberta-Do-Brasil-Discauculia>. **Acesso em Março de 2016.**

JANJACOMO, Mariana. **Sete sinais de que seu filho pode ter dislexia**. São Paulo: Revista Veja, 2013. Disponível em: **Acesso em Março de 2016.**

LIMA. ELVIRA SOUZA. **Quando a criança não aprende a ler e escrever**. São Paulo: Editora Sobradinho, 2002.

LIMA. R. F. Sintomas Depressivos e Funções Cognitivas em Crianças com Dislexia do Desenvolvimento. Campinas, S.P, 2011. Disponível em: <http://www.google.com.br/>. Acesso em: 21/11/2016.

LUCA, M. I. O. **Dislexia e atenção**. 2009. p. 13. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

ROSA. A. A. S. **DISLEXIA: Compreender para melhor educar**. Monografia de Pós Graduação Latu Senso, Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, 2006.

SCHIRMER, C.R; FONTOURA,D.R; NUNES, M.L **Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem**. Jornal de Pediatria (2 Supl): S95-S103), Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em: 21/11/2016.

**Sites Consultados:**

Organização Mundial da Saúde. **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10a rev.** São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. vol.1. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>>. Acesso em: Novembro de 2016.

ORTON, **Contribuições para uma melhor identificação da dislexia no ambiente escolar**, 2004. Disponível em <http://www.abpp.com.br/artigos/> Acesso em março de 2016.

TITONI, C. C. S. **Dislexia na Educação Escolar: técnicas e metodologias para trabalhar com o aluno disléxico**. Tese de Conclusão de Curso Porto Alegre, 2010.

VAN HOUT, A; ESTIENNE, F. **Dislexias: descrição, avaliação, explicação, tratamento**. Porto Alegre. Artmed Editora, 2001.

VASCONCELOS, D. H. F. **“Dislexia e Escola: um olhar crítico sobre a equipe multidisciplinar e sua relação com as práticas pedagógicas tendo como foco o professor”**. 2011. p.162. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.